

inCantare

Volume 6 N. 2 - Jul. / Dez. 2015 - ISSN 2317-417X

Musicoterapia: um caminho para estabelecer vínculos e relações musicais com crianças autistas

Marcos Eikiti Sakuragi¹

Rosemyriam Cunha²

RESUMO - Esta pesquisa teve como propósito descrever e analisar as manifestações que ocorreram no decorrer de atividades musicoterapêuticas com um grupo de crianças com autismo em uma escola particular inclusiva. Os procedimentos do estudo constaram do levantamento bibliográfico e da criação de um protocolo de observação para o registro das manifestações dos participantes nas sessões de musicoterapia. Os resultados mostraram que as intervenções possibilitaram a criação de vínculos afetivos e que as manifestações musicais, verbais e socioafetivas dos participantes foram favoráveis para o desenvolvimento de interações comunicativas.

Palavras-Chave - Musicoterapia. Autismo. Manifestação Verbal. Manifestação Sócio Afetiva. Manifestação Musical.

97

1 Formando em Musicoterapia pela UNESPAR, Campus II de Curitiba, Faculdade de Artes do Paraná. Currículo Lattes: <<http://goo.gl/ekXNHT>>

2 Professora do curso de Musicoterapia na UNESPAR Campus II Curitiba - Faculdade de Artes do Paraná. Doutora em Educação (UFPR, 2008) com pós-doutorado em Educação Musical na McGill University, Canadá (2011). Currículo Lattes: <<http://goo.gl/IYOeW6>>. Email: <rose05@uol.com.br>

Music Therapy: a way to establish links and musical relationships with autistic children

Marcos Eikiti Sakuragi

Rosemyriam Cunha

ABSTRACT - *This research aimed to describe and analyze the events that occurred throughout music therapy activities with a group of children with autism in a private inclusive school. Study procedures included a literature review and the creation of a protocol where the participant's manifestations were registered. The results showed that the interventions made possible the creation of affective bonds and that musical, verbal and emotional manifestations of these children were favorable for the development of the participants' communication.*

Keywords - *Music Therapy. Autism. Verbal Manifestation. Social and Affective Manifestation. Musical Manifestation.*

Introdução

Os déficits nas dimensões sociocomunicativas e comportamentais são características de pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Esses déficits geram comprometimento na interação social, uma das marcas centrais do autismo que persistem ao longo da vida das pessoas com a síndrome (BERNARDINO, 2013; SCHMIDT, 2013). Além desta característica, pessoas com TEA apresentam apego a determinado objetos, dificuldade para comunicação verbal, ausência de contato visual e movimentos estereotipados (AMARAL, 2014; BERNARDINO, 2013; FIGUEIREDO, 2014; GATTINO, 2012)

Diversas abordagens terapêuticas como a arteterapia, terapia cognitiva comportamental e psicoterapia de origem psicanalítica (FIGUEIREDO, 2014), têm surgido com os objetivos voltados para o desenvolvimento das pessoas com limitações em suas capacidades de interação social e desempenho cognitivo, habilidades na comunicação verbal e não verbal e na redução das estereotipias. Dentre essas abordagens se encontra a musicoterapia. Essa modalidade de intervenção se caracteriza por oferecer ao autista a possibilidade de se comunicar de forma não verbal e assim contribuir para o desenvolvimento de sua interação social. As técnicas da musicoterapia podem facilitar o estabelecimento da comunicação com essas crianças por meio das experiências musicais e do uso dos instrumentos musicais, fato que, em alguns casos, seria impossível se a música não estivesse presente.

Conhecendo estas possibilidades relacionais que a música pode oferecer às crianças com TEA, se evidenciou, no decorrer do estágio de 4º ano do curso de Bacharelado em Musicoterapia, meu interesse em estudar as manifestações de um grupo de crianças que participavam de atividades musicoterapêuticas. Na ocasião, desenvolvia um processo musicoterapêutico com um grupo de crianças com autismo em uma escola particular inclusiva na cidade de Curitiba. No desenrolar das sessões, observava as ações e reações dos participantes e constatei suas dificuldades comportamentais, com destaque para as condutas socioafetivas. Notei, no entanto que o processo de convívio e de estabelecimento de uma comunicação pela via musical foi fundamental para que algumas reações e modificações nas relações entre nós pudessem ser construídas. Assim, este trabalho resultou da investigação sobre esses fatos, tendo por figura principal os participantes e as experiências musicoterapêuticas que foram desenvolvidas no período da construção dos dados aqui apresentados.

Com esta pesquisa pretendeu-se conhecer mais sobre as manifestações interpessoais que ocorreram no processo musicoterapêutico realizado com aquele grupo de crianças. A intenção foi a de estudar as experiências vivenciadas com as crianças e assim contribuir com informações que possam ser utilizadas por familiares e profissionais que atuam no campo. Dessa forma, este artigo consta de: 1) uma revisão bibliográfica; 2) um breve relato de caso; 3) explicitações metodológicas, principalmente no que se refere ao protocolo de observação com base no trabalho de Bernardino (2013), aqui utilizado para a construção dos dados e 4) discussão e análise dos resultados.

Autismo e musicoterapia

Em 1916 o termo autismo foi usado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugene Bleuler, para descrever os sintomas negativos da esquizofrenia de seus pacientes (GOERGEN, 2013; SCHMIDT, 2013). Com essas observações e as publicações do médico austríaco Leo Kanner, em 1943, e mais tarde pelo pediatra Hans Asperger, em 1944, configurou-se o que hoje conhecemos como autismo (BERNARDINO, 2013; GOERGEN, 2013; SCHMIDT, 2013).

Na mais recente classificação do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), literatura usada por profissionais da área da saúde mental que lista diferentes categorias de transtornos mentais e critérios para diagnosticá-los; o autismo pertence à categoria denominada transtornos de neurodesenvolvimento, recebendo o nome de Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) (GOERGEN, 2013; SCHMIDT, 2013). O TEA é um transtorno de início precoce do desenvolvimento neurológico, apresentando déficit nas dimensões sociocomunicativas e comportamentais (FILHO e LOWENTHAL, 2013; NUNES, 2013; SCHMIDT, 2013). O déficit no desenvolvimento da linguagem e das habilidades comunicativas nesta população é perceptível desde os primeiros meses de vida, e a síndrome acomete quatro vezes mais homens do que mulheres (FILHO e LOWENTHAL, 2013; NUNES, 2013).

As causas do transtorno ainda são desconhecidas (PADILHA, 2008), mas há uma quantidade significativa de evidências que a explicam como um transtorno

multifatorial (FIGUEIREDO, 2014; GATTINO, 2012). As mutações genéticas e os fatores ambientais, como a idade avançada dos pais, o uso de medicação pela mãe na gestação e complicações pré-natal, perinatal e neonatal seriam as origens etiológicas da síndrome (FIGUEIREDO, 2014; GARCIAS, 2013; GATTINO, 2012).

Ainda não foi encontrado um marcador biológico inquestionável para o diagnóstico da síndrome (RIESGO, 2013; SCHMIDT, 2013). É necessária uma avaliação clínica e o indivíduo, para ser diagnosticado no TEA, deve manifestar antes dos três anos de idade o comprometimento de três domínios comportamentais: interação social, comunicação e comportamentos repetitivos (FIGUEIREDO, 2014; GOERGEN, 2013; GATTINO, 2012).

O comprometimento na interação social é considerado um dos pontos centrais do autismo, persistindo ao longo da idade nas pessoas com a síndrome (BERNARDINO, 2013; SCHMIDT, 2013). Além desta característica, essas pessoas apresentam apego a determinados objetos, resistência para mudança de rotinas, dificuldade para comunicação verbal, ausência de contato visual e comportamentos repetitivos/estereotipados (AMARAL, 2014; FIGUEIREDO, 2014; GOERGEN, 2013; FILHO e LOWENTHAL, 2013; RIESGO, 2013; GATTINO, 2012).

Os padrões repetitivos e estereotipados de comportamento das crianças com autismo incluem o apego excessivo a objetos e o fascínio com o movimento de peças, especialmente as que giram. Para Bernardino (2013) as crianças com TEA não conseguem lidar com vários estímulos simultaneamente e por isso refugiam-se nesses comportamentos. Já Gattino (2012) revela que Kirchner *et al.* (2012) e Spiker *et al.* (2012) crêem que os movimentos repetitivos ou o apego a objetos nem sempre significam um problema em si, podendo ser uma maneira do indivíduo se relacionar com o mundo exterior.

Alguns pesquisadores sugerem que a principal deficiência não verbal dos sujeitos com TEA seja a falta de atenção compartilhada, isto é, a habilidade fundamental para o desenvolvimento de uma futura linguagem verbal e da capacidade de interação social, constituído pelos comportamentos infantis os quais se revestem de propósitos declarativos, envolvendo vocalizações, gestos e contato ocular para dividir a experiência em relação às propriedades dos objetos/eventos ao seu redor (FIGUEIREDO, 2014; GATTINO, 2012). Para Goergen (2013) o desinteresse intrínseco pelos outros em compartilhar experiências sociais ou emocionais, se dá pelo indivíduo estar centrado ao seu interesse pessoal, não havendo gatilho interno para se estabelecer interesse e continuidade em temáticas interativas externas.

Filho e Lowenthal (2013) afirmam que a teoria da cognição social elucida o modo como o desenvolvimento cognitivo auxilia e possibilita a formação do apego. Os autores afirmam que a cognição social é o processo neurobiológico ou cognitivo que elabora a conduta adequada em resposta a outros indivíduos da mesma espécie, especificamente aqueles processos cognitivos superiores que sustentam as condutas sociais extremamente diversas e flexíveis. Os pesquisadores complementam que a cognição social lida com o mundo estritamente social, envolvendo a compreensão sobre as pessoas, suas ações, e a relação entre os próprios sentimentos, pensamentos e ações. A relação entre esses aspectos pessoais e os aspectos correspondentes nas outras pessoas pode possibilitar e facilitar maior atenção e conscientização dos indivíduos nas suas relações.

Embora as dificuldades em estabelecer trocas sociais compartilhadas sejam marcantes no convívio com as pessoas com autismo, a literatura consultada indicou que as relações com sons, timbres e melodias chamam sua atenção, despertam algum interesse. Isso porque os indivíduos com TEA possuem facilidade para expressar e compreender a comunicação não verbal por meio da interação com a música (FIGUEIREDO, 2014; GATTINO, 2012). As experiências musicais permitem uma participação ativa, uma vez que ouvem, vêem e tocam, favorecendo o desenvolvimento dos sentidos destas pessoas (PADILHA, 2008; SOUSA, 2010).

Através da música os sujeitos com TEA encontram uma forma para a expressão e compreensão da comunicação não verbal, tornando a utilização terapêutica da música para essa população, alvo de estudos no campo da musicoterapia nas últimas décadas. Atualmente há um reconhecimento da utilização de técnicas da musicoterapia para restauração ou desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais, cognitivas, motoras e de comunicação para esses indivíduos (FIGUEIREDO, 2014; GATTINO, 2012).

Ao trabalhar com elementos e padrões sonoros, como timbres diversos, ritmos, melodias e harmonias, os indivíduos com autismo podem desenvolver a acuidade auditiva, ao acompanhar gestos ou dançar podem trabalhar a coordenação motora, o ritmo e a atenção, e ao cantar ou imitar sons são estimulados a experimentar ações que os aproximam do mundo que os rodeia (BERNARDINO, 2013; PADILHA, 2008). A execução partilhada dos instrumentos musicais e objetos que produzem som promovem a estimulação visual e tátil. Atividades que também podem possibilitar relações facilitadoras do êxito na terapia (SOUSA, 2010).

A percepção e a identificação de sentimentos em expressões faciais é outra dificuldade que se apresenta para as pessoas com TEA. Essa limitação faz com que o conteúdo emotivo dessas expressões seja imperceptível para esses indivíduos. Porém, Tomaino (2014) ressalta que pacientes na musicoterapia prendem o seu olhar nas expressões faciais do terapeuta, assimilando as dicas não verbais do sincronismo motor oral e da coordenação. Segundo a autora suas pesquisas têm mostrado que as crianças aprendem a linguagem através de espelhamento das expressões faciais, dos tons e das modulações da fala antes que elas consigam usar palavras.

As proposições encontradas nesta revisão de literatura levaram a entender que a prática da musicoterapia, quando pensada pela perspectiva de caráter lúdico e de expressões livres, pode ajudar a pessoa com TEA a interagir socialmente, propiciando espaço para novas aprendizagens (SOUSA, 2010). Entende-se aqui, que o aspecto lúdico refere-se à especificidade da ação musical musicoterapêutica de preconizar o prazer na sua execução, possibilitando assim situações de ação coletiva, imitações de comportamentos e o desenvolvimento destes para outros mais avançados.

A partir da revisão dos estudos aqui apresentados, adotou-se neste trabalho o pressuposto também assinalado por Bernardino (2013) e Sousa (2010), de que algumas das técnicas da musicoterapia, quando utilizadas com critério e no momento adequado, podem estimular as crianças com TEA a diminuir o isolamento, a reduzir os comportamentos repetitivos e a serem mais espontâneas na comunicação interpessoal.

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa, de caráter qualitativo e quantitativo, teve por objetivo estudar as manifestações interpessoais que ocorreram em um grupo de crianças com TEA, quando estas participaram de atividades musicoterapêuticas. Os princípios da pesquisa qualitativa que coadunaram com a presente proposta referem-se ao estudo do fenômeno em si e ao desejo de saber com detalhes como um indivíduo pratica determinadas ações, ajudando a identificar e entender questões-chaves. Os aspectos da pesquisa quantitativa que foram utilizados referiram-se, conforme indicado por Moresi (2003), à mensuração de atitudes, comportamentos para determinar o perfil das manifestações do grupo aqui estudado, gerando medidas que permitiram uma análise numérica dos domínios ou manifestações observadas.

Os procedimentos constaram de: a) revisão bibliográfica constituída por livros publicados, e por artigos disponibilizados na internet nas bases Google Acadêmico e Scielo, entre os anos de 2007 a 2015; b) construção de um protocolo composto pelo pesquisador com base no trabalho de Bernardino (2013); c) formação do grupo com quatro participantes, para o desenvolvimento de atividades musicoterapêuticas em dez encontros; d) observação direta das atividades inclusive com a aplicação piloto do protocolo; e) realização de ajustes do protocolo; f) continuidade do processo de intervenção e observação até o fechamento dos encontros previstos.

Ao todo foram realizados dez encontros entre os meses de Setembro e Novembro de 2015. O espaço utilizado nos encontros foi uma sala usada nas aulas de judô dos alunos da escola. A sala, com aproximadamente 30 m², tinha tatames no chão, uma janela, ventilador de parede e objetos característicos da prática do esporte: troféus e quadros com fotos dos alunos de judô. Os materiais utilizados foram violão, violão de brinquedo, teclado, mini cítara, instrumentos de percussão como pandeiro, caxixi, chocalhos, tambores, guizo e timba. Os instrumentos foram disponibilizados no tatame no centro da sala, com exceção do teclado que foi colocado em um canto do espaço, devido à necessidade do uso da tomada elétrica. Além dos instrumentos musicais foi usado também um dado, que neste trabalho chamaremos de 'dado musical', confeccionado com materiais recicláveis, contendo a imagem e o nome de canções folclóricas infantis em cada lado. Vale ressaltar que além da presença dos alunos, as vivências contaram também com a participação de três atendentes terapêuticas, que acompanhavam os participantes nas atividades escolares.

As atividades musicoterapêuticas desenvolvidas no processo de observação constaram de: a) acolhimento dos participantes com 'canções de chegada', ou seja, melodias curtas e sempre cantadas no momento inicial dos encontros; b) desenvolvimento das ações de: 1 - audição de canções do cancioneiro infantil executadas pelo estagiário, 2 - atividades de expressão corporal com a movimentação em roda, 3 - dramatizações de ações do dia a dia; c) fechamento das atividades do dia com 'canções de despedida', melodias destinadas a marcar o fim das atividades e de convidar para um próximo encontro.

Embora o grupo estudado estivesse em processo musicoterapêutico desde o início do ano de 2015, o trabalho aqui analisado, considerou os dez encontros que foram realizados duas vezes por semana, durante o meses de Setembro, Outubro e Novembro. Cada sessão teve a duração de trinta minutos. Foram nesse recorte de

tempo que foram preenchidos os protocolos de observação. No entanto, é preciso admitir que as repercussões do processo mais longo de interação também fizeram parte do desenvolvimento dos participantes.

Os participantes da pesquisa foram quatro meninos com TEA, na faixa etária de quatro a cinco anos, estudantes da escola particular inclusiva. Conforme indicado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi aprovado em Comitê de Ética (CAAEE 48592515.4.0000. 0094), eles estão aqui apresentados com nomes fictícios. Cabe ressaltar que embora formassem um grupo, os participantes eram diferentes entre si, nas suas habilidades de interação, tanto musicais como sociais, com o estagiário. Cada qual possuía características pessoais marcantes, conforme mostra a descrição a seguir.

Bruno, com quatro anos, tinha facilidade na aprendizagem com apoio individualizado, mas com resistência a determinadas atividades. Compreendia o que lhe era dito, vocalizava palavras e utilizava pouco a linguagem verbal quando desejava se comunicar. Apresentava vocabulário reduzido quando comparado ao desenvolvimento normal de linguagem. Possuía estereotípias verbais que, quando realizadas, eram em intensidade forte e pareciam incomodar os demais participantes.

Basílio, também com quatro anos, possuía interesse e facilidade na aprendizagem de tarefas, às vezes sem o auxílio de apoio individualizado. Compreendia o que lhe era dito e vocalizava palavras quando desejava se comunicar. Tinha desenvolvimento de linguagem abaixo da média esperada para a sua faixa etária. Em algumas atividades demonstrava inquietude e descumprimento de regras, com alterações do comportamento quando contrariado. Não apresentava estereotípias verbais ou motoras.

Fábio, com cinco anos, tinha facilidade de aprendizagem com apoio individualizado. Ele compreendia o que lhe era dito, vocalizava palavras mas apresentava vocabulário reduzido quando comparado ao desenvolvimento linguístico normal. Demonstrava alterações no comportamento quando contrariado. Manifestava, na comunicação oral, ecolalia e estereotípias verbais como a repetição de sílabas. Em relação à expressão corporal, fazia movimentos repetitivos com os membros superiores, batia objetos na boca e na parede. Mostrava apego excessivo a determinados objetos, fascínio por movimento de peças que giravam e comprometimento na interação social com outros indivíduos.

Márcio, com cinco anos, tinha capacidade de concentração e atenção em períodos curtos e também necessitava de apoio individualizado. A linguagem verbal ainda não estava desenvolvida, fato que requeria um trabalho mais intensivo no nível da comunicação. Apresentava alterações do comportamento quando contrariado. Possuía estereotípias verbais e motoras, resistência para mudança de rotina, interesses restritos quanto à exploração de objetos e comprometimento na interação social com outros indivíduos.

Quanto à análise dos dados, esta constou dos seguintes passos: a) quantificação dos dados de cada domínio observado via protocolo; b) com esse total foram construídos quadros que serviram como referência para a construção dos gráficos estatísticos; c) foram desenvolvidos gráficos que mostraram os resultados dos domínios somando-se os resultados de todos os participantes; d) as impressões do estagiário, anotadas no rodapé dos protocolos a cada encontro musicoterapêutico, foram acrescentadas aos comentários feitos nas reflexões dos dados.

O protocolo de observação

Para o registro das observações das manifestações interacionais dos participantes foi desenvolvido um protocolo de observação (Apêndice 1). O protocolo é um instrumento de avaliação que permite registrar o desempenho de um sujeito, através de critérios pré-determinados, em situações naturais e espontâneas (MARTINEZ, 2001). Na pesquisa em musicoterapia, os protocolos são praticamente obrigatórios, pois com o registro no instrumento para a sua análise, o musicoterapeuta poderá avaliar se a terapia é a mais indicada para o participante (GATTINO, 2015).

O instrumento aqui utilizado (Apêndice 1) foi baseado no protocolo desenvolvido por Isabel Maria Filipe Irra Marques Bernardino (2013). O documento original desenvolvido pela escritora foi resumido para esta investigação. Nos dez encontros estudados nesta pesquisa, as observações direcionadas por esse instrumento constaram de três aspectos comunicativos: a) manifestação verbal; b) manifestação socioafetivo; c) manifestação musical.

Foi aplicado um estudo piloto em três encontros iniciais. O piloto mostrou que havia a necessidade de alterações no domínio manifestação musical em dois itens: a) de execução de instrumentos musicais para exploração de instrumentos musicais;

b) de orienta-se para o som do instrumento musical para dirigir-se para o som do instrumento musical. Depois de feitas as adaptações, seguiram-se as observações conforme planejado. Os estudos piloto foram considerados válidos e por isso incluídos no conjunto dos dados.

Os domínios que formaram o protocolo serão descritos abaixo e justificados por fundamentações teóricas. Para cada domínio constam também seus itens e um espaço no qual foram feitas as anotações sobre as impressões das vivências.

Manifestação verbal

Entendeu-se por domínio verbal, as manifestações feitas pelas crianças nos encontros musicoterapêuticos, relacionadas à compreensão que tinham sobre o que lhes era falado e suas respostas em expressões comunicativas. Para descrever esses aspectos os seguintes itens foram colocados no protocolo: compreende o que é pedido; intenções comunicativas como a emissão de balbucios; sílabas e palavras.

Para entender as manifestações deste domínio, estudaram-se as autoras da lingüística Ida Lucia Machado e da educadora Maria Teresa de Assunção Freitas, ambas interessadas na subjetividade e criatividade, e que atribuem à linguagem um lugar privilegiado na constituição da pessoa.

No decorrer do trabalho em campo os balbucios foram considerados intenção de comunicação com outra pessoa, (FREITAS, 2000) apresentando assim uma função social. Essa autora considera a linguagem um fator importante para o desenvolvimento da criança, para a construção de sua individualidade através da interação social e da aquisição de conceitos sobre o mundo que a rodeia.

As palavras estão em todas as relações sociais, em que o sujeito falante somente se define e se comunica quando este se dirige a outro sujeito (FREITAS, 2000; MACHADO, 2014). O significado das palavras é um fenômeno da fala e o pensamento nasce através das palavras, sendo necessário examinar o significado da palavra no pensamento (FREITAS, 2000). Esse foi o princípio aqui adotado, pois as crianças muitas vezes, mostraram a intenção comunicativa por meio de sons que nem sempre formaram palavras.

Manifestação socioafetivas

Entendeu-se por domínio socioafetivo as manifestações das crianças, direcionadas a proximidade corporal, ao contato visual e a criação de oportunidades comunicativas de estados emocionais. Para poder descrever essas expressões quando observadas nos encontros, no protocolo de observação constaram os seguintes itens: cumprimento olá e adeus; proximidade corporal; contato visual; manifestação agressiva consigo mesmo, com o musicoterapeuta e com os colegas.

Buscou-se apoio teórico de autores da psicologia como Bowlby e Wallon³ para este domínio. Um dos pontos princípios evidenciados em campo e discutidos pelos autores referiu-se ao fato que as pessoas são mais felizes e mais capazes de desenvolver seus talentos quando estão seguros e sentem apoio caso surjam dificuldades. Isso requer a capacidade do indivíduo para reconhecer figuras adequadas em quem confiar e aptas a proporcionar-lhe uma base de segurança. Essa interação estimula o aprendizado da confiança nos outros e em si mesma (BOWLBY, 2006).

Esse entendimento mostra que toda interação social por mais tênue que seja, envolve aspectos da afetividade. Pereira (1995), estudiosa da obra de Wallon referiu-se à inteligência expressiva como uma atividade que reúne a sensibilidade, o conhecimento e o sentimento. Nesta ótica, a emoção tem um importante papel para o desenvolvimento da vida social, da percepção e compreensão da realidade. Bowlby (2006) complementa que muitas das emoções humanas mais intensas manifestam-se durante a formação, manutenção, interrupção e renovação das relações em que um parceiro está fornecendo uma base segura ao outro. Estes princípios fazem sentido aqui por ter sido o estagiário a pessoa que representou a base de segurança para as expressividades das crianças.

Manifestação musical

Por domínio musical entendeu-se as manifestações direcionadas às expressões musicais, verbais e corporais, com ou sem os instrumentos musicais. Para descrever essas manifestações, no protocolo de observação constaram os seguintes itens: exploração de instrumentos musicais; completar as frases musicais das canções; dirigir-se para o som do instrumento musical e audição compartilhada.

³ Justifica-se a presença destes autores porque seus estudos se direcionaram para a área da afetividade e sociabilidade infantil, mesmo que aqui a corrente psicanalítica não seja priorizada.

Apsicopedagoga musical Violeta Hemsy de Gainza e o musicoterapeuta Gustavo Schulz Gattino deram apoio para o entendimento desse domínio. Gainza (1998) afirma que o processamento musical se dá no interior do sujeito, com a absorção da energia proveniente da música e metabolizando-se em expressão corporal, sonora e verbal, projetando assim diferentes sentimentos. Além disto, Gattino (2015) complementa que as sessões de musicoterapia facilitam comportamentos de atenção compartilhada, um maior contato visual e melhoras nas habilidades de interação social e habilidades não verbais de comunicação.

A atividade musical permite que o profissional observe tanto os aspectos do desempenho de funções do indivíduo como suas potencialidade e dificuldades. As pessoas, segundo sua idade, cultura e estado psicofísico, reagem com menor ou maior atração ou apetite pelo alimento sonoro que está ao seu alcance ou que lhe é oferecido, realizando o ato de absorção e internalização com diferentes graus de concentração, continuidade e finura. Assim, na presença do instrumento musical o sujeito tenderá a ativar, de forma preferencial, sua sensorialidade, sua afetividade ou suas capacidades motoras ou mentais (GAINZA, 1998).

Neste domínio considerou-se o fazer musical uma forma de impulsionar os participantes à ação. O fazer musical aqui significou mais do que a recriação de canções, a exploração do mundo sonoro e a manipulação dos sons dos instrumentos espontaneamente. O fazer musical, no contexto deste trabalho se referiu também aos momentos em que a criança iniciou ou manteve a expressão musical junto com o estagiário. A sobreposição, termo utilizado por Martinez (2001), foi interpretada como uma forma de participação interrompida devido aos súbitos desinteresses na continuidade da interação.

As propostas de intervenções

Na elaboração do plano de atividades musicoterapêuticas para o período de observação, foi mantida a rotina de trabalho que havia sido estabelecida desde o estágio. Essa opção se justificou pela característica dos participantes que necessitam de estrutura e de regras que indicam o que vai acontecer, pois a inexistência de rotina

poderá causar ansiedade e possíveis momentos de angústia. Uma sequência lógica das atividades colabora na organização, otimizando a memória, a capacidade de associação e abstração (LOURO, 2012).

Assim, as vivências com este grupo iniciavam sempre após o término de trabalho com outro grupo, gerando o encontro entre eles no espaço musicoterapêutico. Os cumprimentos de boas vindas eram realizados no momento de entrada de cada criança na sala. O acolhimento com as canções de chegada eram executadas após a confirmação da presença de todos os participantes.

Com a finalidade de observar as manifestações dos domínios, as canções do cancionário infantil que foram tocadas durante o ano, foram mantidas. Geralmente o manuseio com o dado musical era realizado nos momentos de escolha de canções para o dia, com o sorteio pelas crianças da canção a ser executada. Seguindo as recomendações de Barcellos (2003), as músicas eram tocadas em um andamento mais lento para a escuta dos aspectos corporais e verbais, e de todos os movimentos das crianças. Para convidar os meninos a se manifestarem utilizei a técnica de criar espaço (BRUSCIA, 1987), propiciando interrupções nos finais das frases das canções para os participantes complementarem.

As cantigas de roda foram as atividades que mais possibilitaram o contato físico e a troca de olhares entre os participantes. As cantigas de roda permitiram acesso às expressões dos meninos de forma imediata e espontânea, pois na roda eles participavam sem pressões, eram convidados e reagiam ao chamado conforme seus sentimentos no momento. Para essa atividade contei também com o aspecto energético que circula em toda formação da roda quando as pessoas se dão as mãos, transmitindo calor, energia, olhares e contato físico (ALVES, 2006).

Houve a proposta, por parte do estagiário de dramatização de ações do dia a dia como a de dormir ao ouvir uma cantiga de ninar. O participante ficava deitado, enquanto era coberto por folhas coloridas de TNT pelas outras crianças e depois despertado por elas com os instrumentos musicais. O momento do despertar era sempre antecipado por uma contagem regressiva para estimular a atenção e o desenvolvimento verbal. Alves (2006) cita Piaget para explicar que a brincadeira possui um papel fundamental, proporcionando à criança os estímulos necessários para que haja uma interação com o outro, com os objetos e com o próprio corpo, desenvolvendo desta forma o plano cognitivo e a melhor adaptação ao mundo.

Os encontros musicoterapêuticos se encerravam com canções de despedidas e em seguida o adeus era realizado pelas crianças.

Apresentação dos dados

A partir dos domínios estabelecidos no protocolo, foram realizadas as observações pelo próprio musicoterapeuta, que também agia e interagiu com os participantes. Os dados anotados foram quantificados e apresentados em gráficos. Estes gráficos mostram os resultados obtidos nos dez encontros com as quatro crianças.

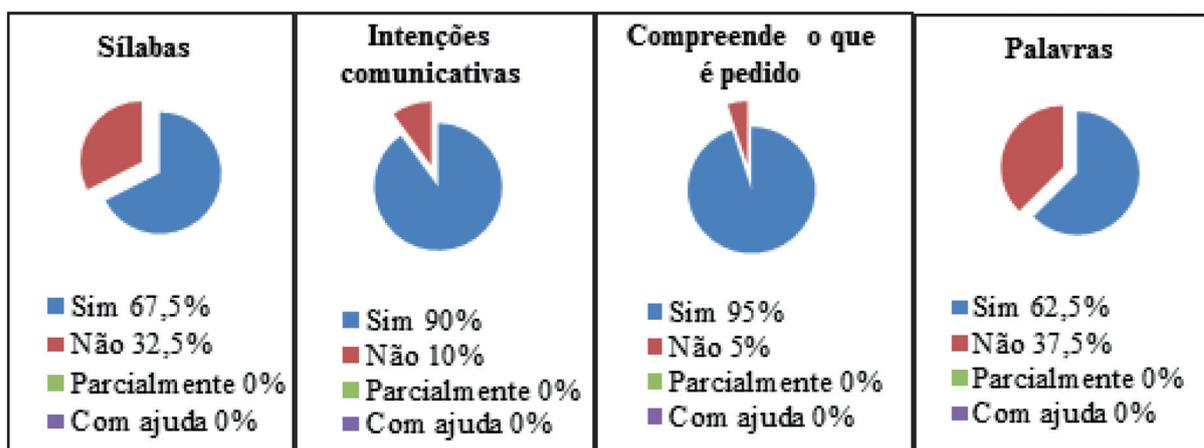


GRÁFICO 01 - Domínio manifestação verbal. Fonte: o autor, 2015.

No gráfico 1, o item *compreende o que é pedido*, mostra que os participantes compreenderam o que lhes foi dito, as consignas e as propostas, na maioria dos encontros. Os 5% de déficit de entendimento podem ser atribuídos ao calor extremo no ambiente terapêutico, que provocou certo abatimento nas crianças, em dias de construção dos dados. Já no item *intenções comunicativas*, Bruno, Basílio e Fábio se manifestaram em todos os encontros, sendo que os 10% em vermelho são referentes às primeiras quatro vivências de Márcio que pouco interagiu, se mostrando mais comunicativo nos encontros posteriores. Quanto à emissão de *sílabas* Bruno, Basílio e Fábio as articularam em mais do que oito encontros e Márcio não as pronunciou nenhuma vez. Com relação às *palavras* repetiram-se as mesmas manifestações do item *sílabas*.

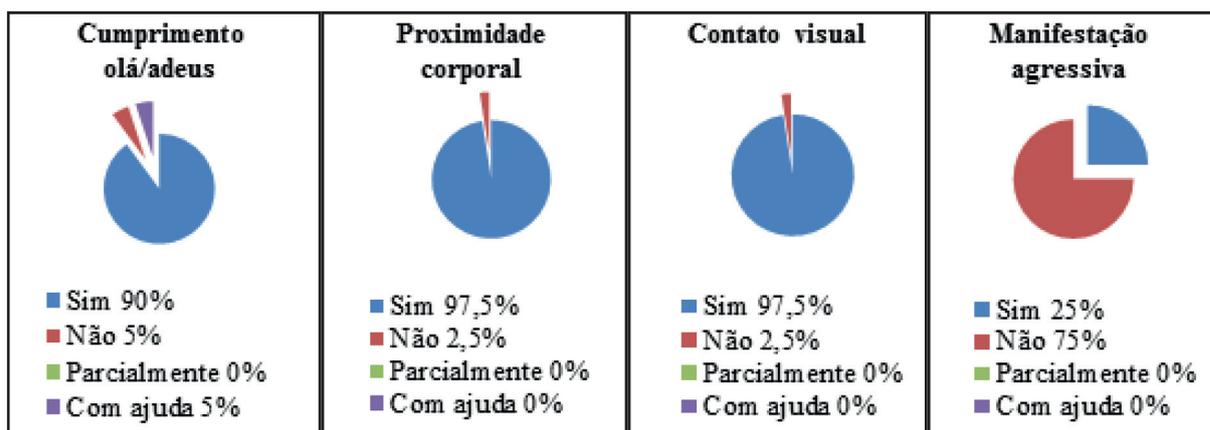


GRÁFICO 02 – Domínio manifestação socioafetivo. Fonte: o autor, 2015.

No gráfico 2, o item *cumprimento olá e adeus* ocorreu em mais do que oito encontros com todos os participantes. O não cumprimento e o cumprimento com ajuda para os participantes Bruno, Fábio e Márcio podem ser atribuídos ao abatimento provocado pelo calor no espaço musicoterapêutico nos dias de construção dos dados. A *proximidade corporal* sucedeu nos dez encontros com Bruno, Basílio e Márcio. Em um dos encontros Fábio precisou ser retirado do recinto, o que resultou em número menor de ocorrência de interação. Com relação ao item *contato visual* repetiram-se os mesmos resultados do item *proximidade corporal*, repetindo-se o mesmo motivo da não manifestação de Fábio. Já a *manifestação agressiva* aconteceu em quatro vivências com Basílio e três com Fábio e Márcio. Ressalta-se que as agressividades de Basílio e Fábio ocorreram com as atendentes terapêuticas e/ou colegas do grupo. Márcio dirigiu a agressão ao estagiário ou revidou a agressão de outra criança.

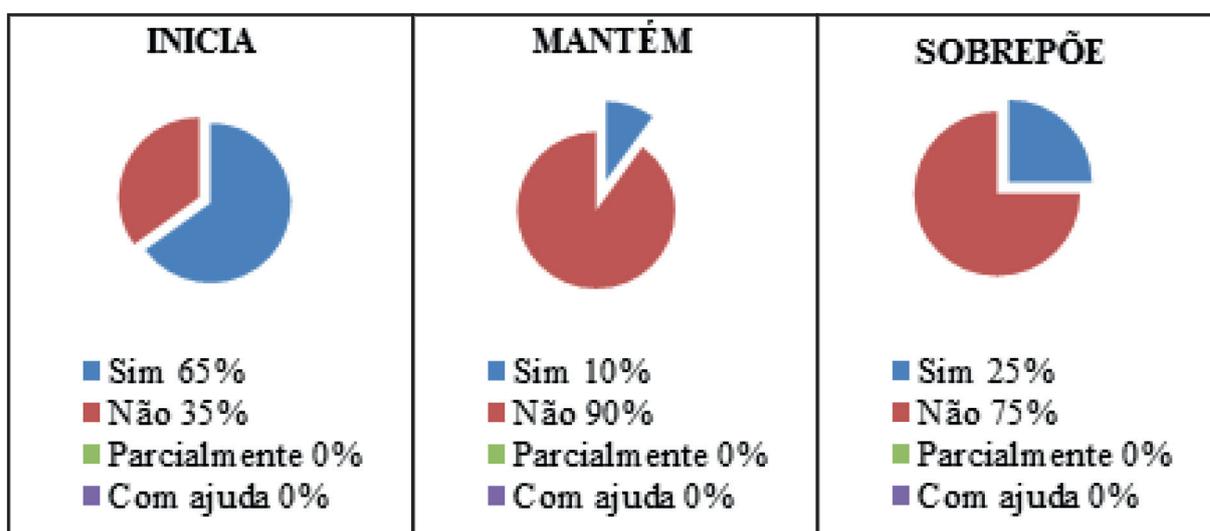


GRÁFICO 03 – Domínio manifestação musical: Exploração de instrumentos musicais. Fonte: o autor, 2015.

No gráfico 3 estão os resultados das manifestações musicais das crianças. Este gráfico mostra que em 65% dos encontros ocorreu a exploração dos instrumentos musicais. O número maior de ocorrências foi com Márcio e Basílio, em nove e sete vivências respectivamente. Bruno se manifestou em apenas quatro encontros. As crianças mantiveram a expressão musical nas atividades em quatro ocasiões, sendo duas vezes por parte do Márcio, uma vez com Bruno e Basílio. Fábio explorou os instrumentos em seis vivências com a sobreposição em quatro delas. Márcio manifestou a sobreposição por seis vezes.

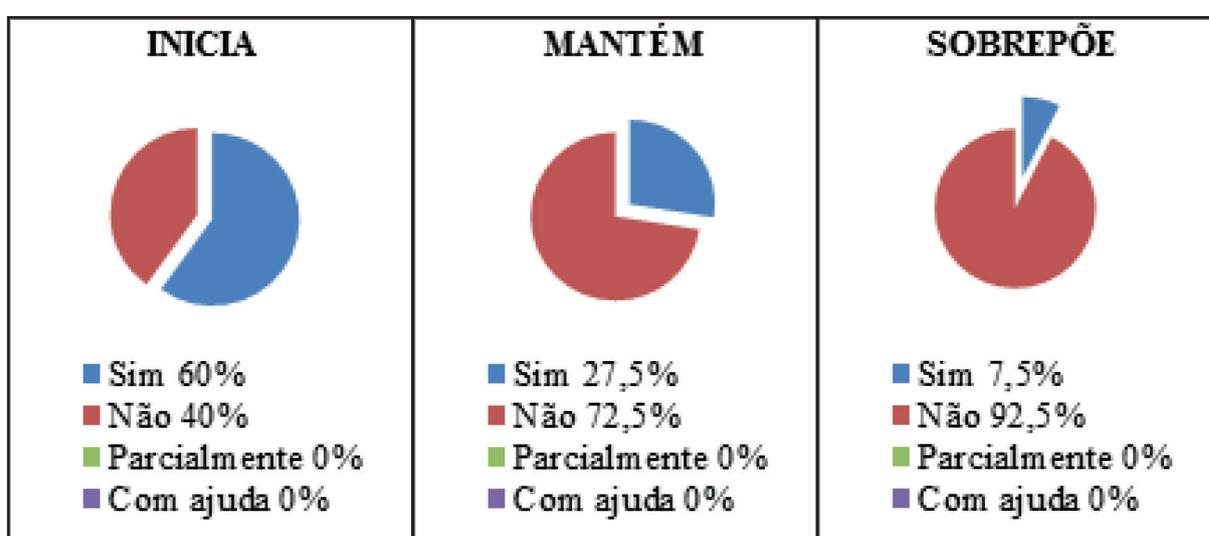


GRÁFICO 04 – Domínio manifestação musical: Completa as frases musicais das canções. Fonte: o autor, 2015.

O gráfico 4, mostra que Márcio não completou as frases das canções, enquanto que os demais participantes as completaram em mais de seis encontros. Basílio completou as frases musicais executadas nas dez vivências realizadas, seguido por Fábio com oito ocorrências. Destas oito vivências Fábio finalizou as frases em cinco encontros e as sobrepôs em três ocasiões. Bruno e Basílio finalizaram as frases em três encontros.

O percentual de 82,5% no gráfico 5 foi referente a dez manifestações de Márcio e nove vezes por parte de Bruno e Basílio. Márcio manteve a continuidade em seis ocasiões, com três sobreposições, e Basílio manteve o interesse no som do instrumento em uma vez. Já Fábio dirigiu-se para o som do instrumento musical em cinco encontros com a sobreposição em três deles.

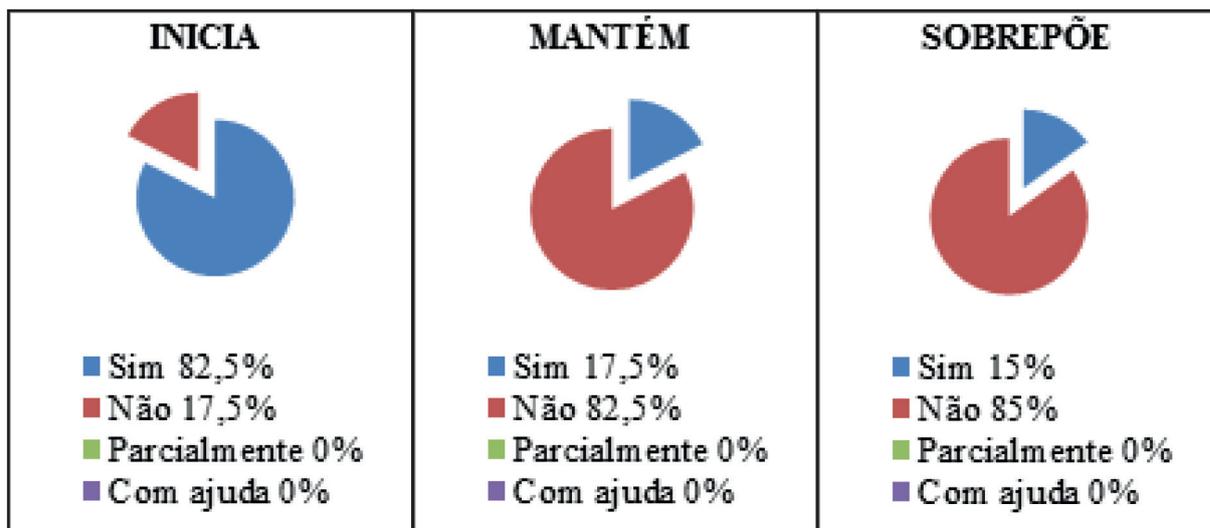


GRÁFICO 05 – Domínio manifestação musical: Dirigir-se para o som do instrumento musical. Fonte: o autor, 2015.

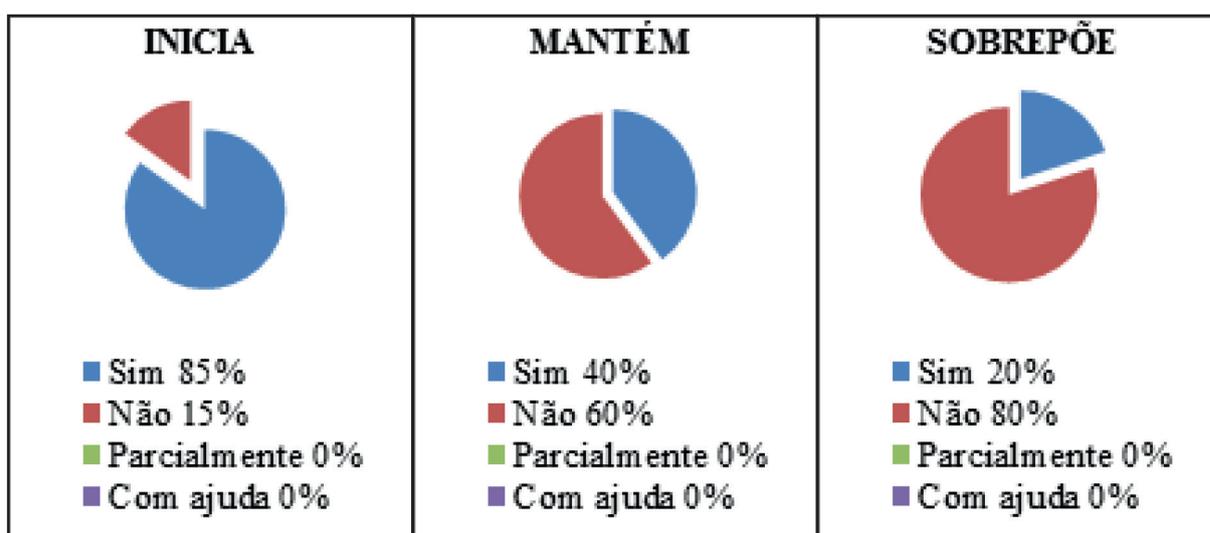


GRÁFICO 06 – Domínio manifestação musical: Audição compartilhada. Fonte: o autor, 2015.

Os meninos compartilharam a audição de canções em mais de seis vivências. Basílio e Márcio compartilharam a audição em dez encontros. A audição de Bruno aconteceu nas seis últimas vivências, mantendo a continuidade em duas delas. Basílio e Márcio mantiveram o interesse nas atividades em cinco e setes vezes, respectivamente. Fábio iniciou a manifestação em oito encontros, mantendo-as em duas ocasiões. Com relação à sobreposição, ocorreu com Fábio em cinco encontros e em três com o Márcio.

Reflexão sobre os dados

As análises dos dados dos domínios revelaram que na maioria dos encontros as crianças compreenderam o que lhes foi falado e responderam as mensagens com suas expressões comunicativas. Nas três últimas vivências Bruno emitiu palavras nas atividades de dramatização e nas cantigas de roda. Na dramatização de dormir, pronunciava a palavra 'acordou!' no momento em que os participantes tocavam os instrumentos para uma criança acordar; e nas cantigas de roda completava as frases das canções. As intenções comunicativas nem sempre formaram palavras, principalmente por parte de Márcio. Essa intenção de atrair a atenção corrobora com Freitas (2000), que afirma que através dos balbucios articulados por Márcio, já se percebe na criança uma função social da fala.

A proximidade corporal e a busca pela mão do estagiário também era um dos recursos utilizados pelos meninos quando desejavam se comunicar. Essa manifestação ocorria, na maioria das vezes, quando as crianças mostravam interesse em que se executassem com elas as atividades de movimentação em roda e dramatização. Este comportamento de ligação é explicado por Bowlby (2006) como uma forma de uma pessoa alcançar ou manter a proximidade com outro indivíduo preferido.

Estas atividades foram fundamentais para as crianças se expressarem verbalmente e fisicamente, comprovando a afirmação de Gainza (1998) que a música estimula o movimento interno e externo do indivíduo. Basílio, mesmo que não tomasse a iniciativa do convite para iniciar as atividades, participava de forma espontânea e procurava realizá-las até o seu final. A dramatização de dormir era a prática que mais interessava Fábio, que buscava pegar as mãos do estagiário ou das atendedoras terapêuticas para que realizassem a brincadeira.

Nas cantigas de roda, Bruno e Márcio procuravam dar as mãos para o estagiário quando desejavam iniciar a atividade, mas não mantinham a sua execução quando realizadas em grupo, preferindo praticá-las no máximo com dois participantes. Porém, nos dois últimos encontros Márcio procurou pegar as mãos das outras crianças para que participassem da ciranda, fato que não ocorreu nos encontros anteriores. A intencionalidade de comunicação é muito importante para essas crianças, como destaca Bernardino (2013) e este comportamento social comprova a afirmação de Bowlby (2006) de que as pessoas são mais felizes e seguras quando sentem confiança nos outros.

Quanto às manifestações agressivas de Basílio, estas aconteciam quando ele era contrariado pela atendente terapêutica. O mesmo acontecia com Fábio, quando a atendente tentava inibir as suas estereotípias de bater instrumentos na boca e na parede. Com Márcio, a agressividade acontecia no revide de agressão de alguma criança ou quando outro menino demandava a atenção do estagiário e interrompia a atividade que estava ocorrendo no momento. Este também foi o motivo do comportamento agressivo de Fábio. Bowlby (2006) explica que o vínculo afetivo é a atração que um indivíduo sente por outro indivíduo, com a tendência de se manterem próximos, e a ameaça de terceiros de separar um par vinculado pode provocar ansiedade, resistência ou raiva a um dos parceiros. O autor complementa que os indivíduos que não estão vinculados não apresentam esta tendência, mostrando resistência por parte de um deles a qualquer abordagem que o outro possa tentar.

O complemento nos finais das frases das canções, o direcionamento para o som do instrumento musical e a audição compartilhada ocorreram em maior frequência em canções que faziam parte do repertório cantado pelas crianças nas suas salas de aula. Estas expressões musicais, verbais e corporais indicaram que o repertório dos participantes deve ser utilizado pelo musicoterapeuta como parte do ambiente sonoro criado na atividade e que, a partir desses elementos conhecidos, seja construída a expansão do conhecimento com a inserção de novos elementos musicais.

Observou-se que a exploração dos instrumentos musicais acontecia com a experimentação da textura e da sonoridade das cordas do violão, do violão de brinquedo e da mini cítara. Esta ação era frequente com Márcio e era interrompida pelas suas estereotípias verbais e corporais. Em algumas sessões Fábio bateu os instrumentos no chão ou na parede como uma forma de estereotípias. As observações corroboram com Bernardino (2013) e Gattino (2012) que as crianças autistas não conseguem lidar com vários estímulos simultaneamente e os movimentos repetitivos pode ser uma maneira do sujeito se relacionar com o meio.

As interrupções de Bruno e Basílio em algumas atividades ocorreram quando eles buscavam o toque corporal do estagiário. Em vários momentos os meninos subiram nas costas ou interromperam a produção do som do violão quando buscavam a proximidade com ele. Essas expressões afetivas também foram observadas em Fábio e Márcio, em várias ocasiões que buscavam o contato na mão e face do estagiário. As manifestações revelaram que as vivências musicoterapêuticas possibilitaram a criação de vínculos afetivos e interações sociais.

Conclusão

Os resultados encontrados através dos dados qualitativos e quantitativos revelaram que a prática da musicoterapia contribuiu para o processo de interação com os participantes. Notou-se que houve o favorecimento das intenções comunicativas e das manifestações socioafetivas entre os meninos nos momentos de convívio mediados pelo fazer musical. A atividade musicoterapêutica deu espaços para a expressividade verbal, a expressividade afetiva e o aumento da interação entre os participantes.

A abertura dos canais de comunicação foi perceptível em Bruno e Márcio, as crianças com um maior grau de dificuldades verbais. A previsibilidade nos finais das frases das canções contribuiu para as suas expressões verbais. Por mais que Márcio não tenha sonorizado sílabas ou palavras, a intencionalidade de comunicação era visível nos balbucios e nas manifestações corporais nas atividades.

A procura pelo contato corporal também deve ser destacada como uma manifestação afetiva que as crianças apresentaram. A ação no ambiente musicoterapêutico propiciou a criação do vínculo, e assim o reconhecimento do estagiário como uma pessoa confiável e apta a proporcionar uma base segura. Com a identificação pelas crianças com essa figura de ligação e segurança, o processo musicoterapêutico se desenvolveu com facilidade, pois com o vínculo afetivo formado possibilitou que as crianças se expressassem espontaneamente.

A criação do vínculo afetivo é essencial para o progresso de processos musicoterapêuticos, pois além da interação social estabelecida, o participante identificará no musicoterapeuta um indivíduo confiável em que poderá se apoiar caso surjam dificuldades durante a terapia.

Em relação ao protocolo de observação desenvolvido neste trabalho, à guisa de conclusão, podemos dizer que ele alcançou a sua proposta de oferecer um instrumento de avaliação que permitiu registrar as manifestações dos meninos. Contudo, deve-se fazer uma ressalva nos registros dos domínios das manifestações musicais. Como em cada encontro musicoterapêutico foram realizadas várias atividades, a anotação dos quesitos iniciou, manteve ou sobrepôs, seria indicada no protocolo, apenas uma vez. Porém, observou-se que a criança pode iniciar e manter uma prática e não fazer o mesmo em outra. Esta constatação deve ser considerada em futuros usos do protocolo, pois sentiu-se a necessidade de um espaço individualizado para cada atividade a fim de anotar as manifestações observadas.

Esta pesquisa mostrou que os elementos sonoros musicais na prática da musicoterapia, com este grupo de meninos, podem proporcionar a construção de vínculos afetivos, a interação social e o desenvolvimento verbal. Espera-se, com estes resultados, que a musicoterapia seja reconhecida como uma terapia indispensável

para o desenvolvimento de crianças com autismo nas escolas públicas e privadas. A musicoterapia, com a utilização da música, pode ultrapassar fronteiras que outras terapias não atingem, pois os elementos musicais possibilitam a criação de canais de comunicação que abrem espaço para os participantes desenvolverem habilidades sociais, emotivas, cognitivas e motoras.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fernanda R. S. **Cantigas de roda na musicoterapia: possíveis caminhos para uma leitura.** II Enc. Nacional de Docência em Musicoterapia. Goiânia, 2006.
- AMARAL, Priscilla. **Autismo no tempo da delicadeza.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.
- BARCELLOS, Lia R. M. **Musicoterapia: Alguns Escritos.** Rio de Janeiro: Ed. Enelivros, 2003.
- BERNARDINO, Isabel M. F. I. M. **A música no desenvolvimento da comunicação e socialização da criança/jovem com autismo.** Dissertação de Mestrado em Educação Especial no Domínio Cognitivo e Motor no Instituto Politécnico de Beja. Beja, Portugal, 2013.
- BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos.** 4^a Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BRUSCIA, Kenneth E. **Improvisational Models of Music Therapy.** Ed. Charles C. Thomas, 1987.
- FIGUEIREDO, Felipe G. **Musicoterapia Improvisacional aplicada à comunicação pré-verbal de crianças com transtornos do espectro autista: ensaio controlado e randomizado.** Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Mestre. Porto Alegre, 2014.
- FILHO, José B.; LOWENTHAL, Rosane. A inclusão escolar e os transtornos do espectro do autismo. In SCHMIDT, Carlo (Org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade.** Campinas/SP: Papyrus, 2013.
- FREITAS, Maria T. A. **Vygotsky e Bakhtin, Psicologia e Educação: um intertexto.** 4^a ed. São Paulo: Ática, 2000.
- GAINZA, Violeta H. **Estudos de psicopedagogia musical.** São Paulo: Summus, 1998.
- GARCIAS, Gilberto L. Genética do autismo. In SCHMIDT, Carlo (Org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade.** Campinas/SP: Papyrus, 2013.

- GATTINO, Gustavo S. **Musicoterapia aplicada à avaliação da comunicação não verbal de crianças com transtornos do espectro autista: revisão sistemática e estudo de validação.** Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Doutor. Porto Alegre, 2012.
- GATTINO, Gustavo S. **Musicoterapia e autismo: teoria e prática.** São Paulo: Memnon, 2015.
- GOERGEN, Maria S. Sobre o diagnóstico em transtorno do espectro do autismo (TEA): considerações introdutórias à temática. In SCHMIDT, Carlo (Org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade.** Campinas: Ed. Papyrus, 2013.
- LOURO, Viviane. **Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência.** São Paulo: Ed. Som, 2012.
- MACHADO, Ida L. Fundamentos que organizam uma análise do discurso: o ato da linguagem e o sujeito da comunicação. In: MARCHIORI, Marlene (Org.). **Linguagem e discurso.** Rio de Janeiro: Ed. Senac, 2014.
- MARTINEZ, Luis. **Presentación de un protocolo de evaluación pragmática.** Ediciones Escuela de Fonoaudiología. Universidad de Chile, 2001.
- MORESI, E. **Metodologia da Pesquisa.** Material do Programa e Pós Graduação da Universidade Católica de Brasília. 2003.
- NUNES, Débora R. P. Comunicação alternativa e ampliada para pessoas com autismo. In: SCHMIDT, Carlo (Org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade.** Campinas/SP: Papyrus, 2013.
- PADILHA, Marisa do C. P. **A musicoterapia no tratamento de crianças com perturbação do espectro do autismo.** Dissertação de Mestrado em Medicina na Universidade de Beira Interior, 2008.
- PEREIRA, Dulce K. R. **Inteligência Expressiva: a partir da teoria psicognética de Henri Wallon.** São Paulo: Summus, 1995.
- RIESGO, Rudimar. **Neuropediatria, autismo e educação.** In SCHMIDT, Carlo (Org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade.** Campinas/SP: Papyrus, 2013.
- SCHMIDT, Carlo. **Autismo, educação e transdisciplinaridade.** In SCHMIDT, Carlo (Org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade.** Campinas/SP: Papyrus, 2013.
- SOUSA, Maria E. M. **A musicoterapia na socialização das crianças com perturbação do espectro do autismo.** Trabalho realizado no âmbito do Projeto Final de Investigação da Pós-Graduação em Educação Especial. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Porto, 2010.

SOUZA, Talita P. **A Musicoterapia como auxílio na comunicação de pessoas com deficiência mental.** Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, 2007.

TOMAINO, Concetta M. **Musicoterapia neurológica: evocando vozes do silêncio.** São Leopoldo: EST, 2014.

Recebido em: 25/04/2016

Aceito em: 15/07/2016

APÊNDICE 01

Sessão nº:		Data:		PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO		
				Domínio: Manifestação verbal		
Participantes		Compreende o que é pedido	Intenções comunicativas (balbucio, pré-verbal)	Sílabas	Palavras	
Bruno						
Basílio						
Fábio						
Márcio						
				Domínio: Manifestação socioafetivo		
		Cumprimento olá e adeus	Proximidade corporal	Contato visual	Manifestação agressiva (consigo mesmo, musicoterapeuta ou colegas)	
Bruno						
Basílio						
Fábio						
Márcio						
				Domínio: Manifestação musical		
		Exploração de instrumentos musicais	Completa as frases musicais das canções	Dirigir-se para o som do instrumento musical	Audição compartilhada	
	Inicia					
Bruno	Mantém					
	Sobrepõe					
	Inicia					
Basílio	Mantém					
	Sobrepõe					
	Inicia					
Fábio	Mantém					
	Sobrepõe					
	Inicia					
Márcio	Mantém					
	Sobrepõe					
S: Sim ajuda	N: Não	P: Parcialmente	A: Com			
OBSERVAÇÕES:						